

PASTORAL URBANA E LITURGIA¹

JACQUES TRUDEL S.J.²

Resumo

A partir da experiência pastoral no ambiente universitário e em uma comunidade, ambos palcos desafiadores à fé cristã no seio da cultura urbana, o presente trabalho busca refletir a problemática da liturgia nesse contexto, propondo elementos importantes que devem fazer parte de uma pastoral litúrgica que busque responder aos novos sinais dos tempos.

Palavras-chave: liturgia, pastoral urbana, evangelização.

URBAN PASTORAL AND LITURGY JACQUES TRUDEL S.J.

Abstract

By drawing on pastoral experience in the university environment and in a community, both of which are challenging stages for Christian faith and at the heart of urban culture, this paper seeks to reflect on the problematics of liturgy in such a context. It proposes important elements which must form part of a liturgical pastoral which might then seek to respond to the new signs of the times. .

Key-words: liturgy, urban pastoral, evangelization.

Introdução

Considero-me homem da cidade, pois nasci no “asfalto” do centro de Montréal; morei, até os 7 anos de idade, no 3º andar de um bloco de apartamento sem elevador e, em seguida, em casa particular de bairro privilegiado em face de um parque de um quarteirão com lagos, rios e cascatas. Em Recife, já passei mais de 29 anos. Para estudos, residi 1 ano em Bruxelas, 5 anos em Roma e 6 meses no Rio (para cursar o ISPAL, Instituto de Pastoral Litúrgica). A cidade menor onde morei foi São Leopoldo, RS, mas bem ligada à Grande Porto Alegre, durante os estudos de Teologia. Isso sem falar das grandes cidades que ficaram conhecidas no decorrer de viagens.

Quando falamos de *Liturgia e Pastoral Urbana*, a primeira observação a fazer é que as cidades mudam e rapidamente, que cada cidade tem suas feições culturais próprias e suas subculturas múltiplas, de sorte que “Liturgia e Cultura Urbana” não podem ser pensadas como palavras genéricas que se refiram a uma só realidade. Um exemplo fora do Brasil: até os anos 60, Montréal com a sua população majoritária de língua francesa, tinha uma das mais altas taxas de prática dominical do mundo; hoje, em 2002, as mesmas igrejas estão vazias, sobretudo de jovens. No entanto, na mesma cidade, as paróquias católicas da população minoritária de língua inglesa estão sempre cheias³ assim como as igrejas das comunidades étnicas (imigrantes) e com muitas atividades pastorais. A cidade de Laval, do Grande Montréal, tem uma vivência muito maior do que o próprio Montréal. Em Sherbrooke, cidade de médio porte situada a duas horas de carro de Montréal, também com pouca frequência dominical, jovens, casais jovens com crianças e, também, adultos acorriam, mesmo de longe, a uma paróquia que, de início, mal tinha uma pequena capela por causa da liturgia dominical dinâmica, diferente, engajada socialmente e refletindo a vida com estilo narrativo, celebração que não passava de uma hora, graças ao carisma pessoal do pároco que permitia se algumas pequenas adaptações no rito da missa (a maioria das quais eu considerava inofensivas). Entre nós, é conhecido que a religiosidade do cearense de Fortaleza é muito diversa da religiosidade do pernambucano de Recife, mais racional, mais contestatório até. As igrejas de Fortaleza estão sempre cheias!

Em suma, são muitos os fatores que afetam a mudança cultural da cidade e, por consequência, afetam a liturgia. Não me sinto preparado para prever o futuro. Por isso, quero apresentar apenas um testemunho referente à minha experiência de pastoral e pastoral litúrgica pessoal: A) a partir do pequeno bairro po-

pular e pobre de Recife, Mustardinha (15.000 habitantes), onde sou administrador paroquial desde 1975 e B) também, a partir da minha experiência como coordenador da equipe (23 pessoas) de Pastoral Universitária, da Universidade Católica de Pernambuco de Recife (UNICAP), há três anos, após mais de 25 anos de ensino da teologia dos sacramentos e de liturgia em diversos institutos de teologia de Recife, que me obrigaram a refletir, ao mesmo tempo, práxis e teoria.

- A) No primeiro caso, Mustardinha é um bairro já antigo onde quase todos os jovens lá nasceram e, certamente, os três quartos dos moradores com menos de 50 anos. Outros já estão no bairro por até mais de 40 anos, conforme uma rápida consulta à mão levantada no primeiro fim de semana de setembro. Alias, falando de Liturgia e Cultura Urbana, é importante conservar a distinção entre os bairros populares das grandes cidades (que constituem uma característica típica da AL com organização própria e cultura própria) e os bairros mais urbanizados, se podemos dizer, da classe média, da mesma cidade, pois os problemas ligados a moradias, saúde, profissões são distintos. O futuro da evangelização se desenha de maneira diversa para um e outro. Parece que, em todas as comunidades mais humildes, com igrejas muitas vezes menores, seja mais fácil celebrar do que na a classe média. Era já uma constatação do famoso liturgista francês Pe. Gélineau há alguns anos.⁴
- B) No segundo caso, parto da minha experiência pastoral na Universidade Católica de Recife onde se diz que se forja grande parte da cultura do futuro. A pastoral abrange bem mais do que a celebração, e não somos paróquia universitária; mas, na eucaristia diária da

capela de uns 100 lugares, reúnem-se diariamente entre 50 a 80 pessoas, sobretudo universitários, e em número maior ainda quando há celebração especial (início das aulas, Dia das Mães, Cinzas etc.). Na 2ª feira p.p., dia 2 de setembro, à minha pergunta quantos nasceram no interior, para a minha surpresa, levantou a mão um pouco mais da metade. A quase totalidade dos outros nascidos na capital tinha pais nascidos no interior. Perguntei quantos participavam de grupos ou pastorais nas suas respectivas paróquias, tais como grupos jovens ou outros. Nem 1/3 dos participantes levantou a mão. Por outro lado, mais da metade dos presentes pertenciam a um movimento, diferentemente da paróquia da Mustardinha onde não há presença de movimentos novos. Conhecendo os estudantes, os movimentos em questão são especialmente o GEN (Geração Nova do movimento dos Focolari que existe em Recife desde os anos 60 e tem obrigação de comunhão diária) e o Shalom, recentemente chegado a Recife e ligado à RCC (Renovação Carismática). Aliás, a própria RCC, forte em universidades do Sul, tem pouca presença marcante na Católica de Recife.

Talvez seja bom mencionar aqui que, partindo da convicção de que universitários são chamados a serem os primeiros protagonistas da evangelização de outros universitários, constituímos o Coletivo Reúne com reunião mensal dos representantes dos diversos grupos católicos presentes no “campus”: Gen, RCC, OPA (Oração pela Arte), religiosos e religiosas, Oração da Confiança de Taizé, estudantes da Teologia para leigos e Bacharelado de Teologia, Fórum Latino-Americano de Estudantes Inacianos (FLUI), Comunidade de Vida Cristã (CVX), bem como

vários outros grupos surgidos na Universidade a partir da ação pastoral da nossa equipe, tais como: universitários do interior, café ético, intervalo bíblico etc. Procuramos apoiar a todos e nos escutarmos mutuamente e, em comum, desenvolver alguma programação com participação de todos – a mais importante é o Encontro Anual de Universitários Cristãos cujo número de participantes, é preciso dizer, deixa a desejar (em torno de 250 estudantes num dia de domingo).

Contextualização

Como ponto de partida para esse testemunho sobre Liturgia e Pastoral Urbana, permito-me citar um artigo recente – aguardando ainda publicação na revista do Departamento de Teologia – do Prof. Gilbraz Aragão.⁵ Após citar um parágrafo de Rubem Alves,⁶ escreve (cito apenas algumas linhas):

“Acredito, que somente uma Igreja pré-ocupada com a missão de trazer mais saúde e salvação para o povo poderá evangelizar direito a cidade, com os seus desafios e virtualidades [...].

E o ânimo espiritual para essa reforma da Igreja que a missão exige, virá, certamente, na medida do nosso compromisso em aproximar Deus das cidades deste mundo pós-moderno [...].

Existe alguma vida antes da morte?”. Isto foi pixado nos muros de uma metrópole, a denotar que o clamor da nossa época é por “vida já” e que as pessoas andam muito interessadas é no “aqui e agora”. E no nosso “aqui e agora” a pastoral da Igreja deve – para que faça sentido a sua mensagem de um “a mais” transcendente – situar-se diante de uma dupla ruptura: ruptura vertical entre a cultura da cristandade clerical-paroquial e o pluralismo cultural que se afirma com o ressurgimento

das culturas indígenas e o crescimento do mundo tecnológico e secularizado; e ruptura horizontal entre ricos e pobres, entre os que possuem o poder cultural e político e aqueles que estão sem poder, sem terra e moradia, sem voz e sem trabalho. Anunciar a mística cristã e o futuro preconizado pela sua Boa-Notícia, nesse contexto implica em libertação dos empobrecidos e inculturação do Evangelho. A Igreja deve pulsar com o coração deste “século mau”, procurando, na missão de vitalizá-lo, a fonte para o seu próprio funcionamento e estrutura.

Com efeito, o mundo que nos foi dado para viver – e salvar – é o da cidade pós-moderna, e esses são os seus desafios. No ano 2000 o Brasil já possuía uma população urbana de 138 milhões de pessoas e a população rural era só de 34 milhões. Em pouco tempo, estaremos todos morando em cidades grandes, com mais de um milhão de habitantes – é a tendência mundial. Nessas cidades existe mais liberdade e condições de vida, contudo também mais estresse, poluição e degradação. Os ricos criam privês arborizados no seu entorno, enquanto os pobres se apertam nos conjuntos e favelas próximas do comércio e dos escritórios”.

Primeira convicção. Para nós, liturgistas e demais pastoralistas, só pode haver uma convicção: a Pastoral Urbana (e a Liturgia de uma igreja em pastoral) está chamada a pulsar com a cidade, sem rejeição. O relatório do seminário sobre liturgia e cultura urbana, realizado em junho 2002 e que terá continuação em 2003 pela dimensão liturgia da CNBB, levantou uma primeira preocupação: “Nosso imaginário de cidade ainda é negativo. Devemos nos questionar: não há nada de bom?”⁷ No artigo já citado acima, Prof. Gilbraz recordava: “ A Igreja se isolou na cidade moderna [...]. Devemos reconhecer este fato, de partida – o que é um mau começo”, a não repetir certamente.

Nos encontros de liturgistas, tecem-se, muitas vezes, críticas que, no fundo, significam, a meu ver, uma rejeição da nova cultura que vem surgindo na cidade (os outros estão errados), em vez de perguntar: “Nestas novas circunstâncias”, o que podemos fazer para renovar a nossa maneira de agir? Isso, a meu ver, vale também para os novos movimentos eclesiais, muito criticados entre liturgistas (também), não sem razão de ser, muitas vezes. Mas como viver com a nova realidade marcada pelo surgimento dos novos movimentos eclesiais na cultura de hoje? Como aceitar uma diversificação de aproximações da pastoral da cidade? Quem sabe, como aprender a trabalhar mais em redes (relação horizontal) do que no modelo eclesial piramidal antigo? A nova sociedade informática oferece informações de todo lado que escapam à lógica linear de antigamente e da uniformidade. Há uma imensa diversificação. Creio que, também do lado da liturgia, poder-se-á conviver com estilos de celebração muito diversificados, complementares; aceitar que nem todos gostem do estilo de tal comunidade ou paróquia e procurem outra mais tradicional, mais carismática, mais engajada socialmente, mais afro-inculturada etc.; estilos que correspondem a distintos apelos de seguir o Senhor e de realizar a vocação à santidade e o serviço à vida (diaconia da caridade). Aliás, um pouco como na vida religiosa, existem congregações com carismas e estilos diverso numa complementaridade dos carismas. O que não significa evidentemente concordar com tudo e deixar tudo sem rumos. Mas, na grande cidade, exige-se uma nova capacidade de dialogar e de coordenar os esforços pastorais de maneira mais global. Discernir o Espírito agindo e animar os esforços diversificados de todos

Duas premissas (entre outras) à questão “Liturgia e Pastoral Urbana”

1ª Premissa: o Fazer Pastoral e Pastoral Litúrgica

Fazer Pastoral significa ser fiel a Jesus, o Pastor que confia a missão do pastoreio evangélico e, por outro lado, conhecer bem e ser fiel à realidade da porção do rebanho confiado ao cuidado pastoral.

“...a Pastoral articula entre si uma compreensão da Missão pastoral, de Jesus, da Igreja, dos Pastores, com um conhecimento das ovelhas, um diagnóstico da realidade, uma leitura da história, da sociedade, da cultura. Por isso, uma compreensão diferente de um como de outro aspecto leva a concepções diversas do que seja Pastoral, inclusive a Pastoral Litúrgica. Daí, a necessidade para o agente de pastoral de clarear, continuamente, os pressupostos a partir dos quais faz pastoral e a necessidade da Teologia Litúrgica Pastoral.”⁸

Daí a necessidade para o liturgista de aprofundar, sempre mais, tanto a compreensão da Teologia litúrgica (Cristologia – eclesiologia - antropologia subjacentes à celebração do mistério de Cristo) quanto o conhecimento do homem e da mulher da cidade e das novas culturas emergentes. Mas, por mais lúcida e planejada que queira ser a nossa Pastoral,

“sempre deverá deixar transparecer, de maneira clara, a atitude pastoral, a paixão do Bom Pastor pelas ovelhas e pelo Reino, através da “presença fraterna junto às pessoas, a sensibilidade para comungar com elas em seu sofrimento e em suas alegrias”⁹; o que se busca

é a vida das ovelhas e não meramente o cumprimento administrativo de um plano por melhor que seja.”¹⁰

Creio que, no hoje da nossa pastoral, somos convidados a clarear e deixar bem manifesto a paixão que nos anima e os sonhos do Reino que nos habitam em favor da vida do Povo de Deus em quem acreditamos.

2ª Premissa: liturgia “fons et culmen”

Acredito em Liturgia ou Celebração da liturgia “fons et culmen” de toda a ação da Igreja (SC 10), mas entendo que “fons et culmen” significa que o momento da celebração da Liturgia não pode ser pensado como um em si completo e fechado, separado da ação específica das demais pastorais, do anúncio missionário ou do serviço à vida em pastorais socio-transformadoras. Significa que a reflexão sobre pastoral litúrgica não pode ser pensada fora de uma reflexão mais global sobre a pastoral de conjunto da diocese ou da região, do Brasil etc. Tudo está interligado.

Portanto, falar de liturgia como momento ritual, com sua linguagem específica ritual e simbólica, não significa esquecer, por exemplo, as pastorais sociais, mas também não confundir uma com a outra, e sim articular uma com a outra, o que pode ser feito de maneira diversa. “Fons e culmen” significa que, muitas vezes, para melhorar a qualidade das celebrações, exige-se, não mudar, em primeiro lugar, a celebração, procurando novidades, mas o que vem antes, o anúncio da fé que transforma os corações.”Fons et culmen” significa também recordar que o momento ritual da celebração da Liturgia, a celebração do mistério pascal, celebra a páscoa da vida de Jesus até a passagem para o Pai através da sua vida, morte e ressurreição em favor de to-

dos, Corpo dado, Sangue entregue para o perdão dos pecados. Celebrar o acontecimento evento da vida-morte-ressureição do homem de Nazaré reconhecido como Cristo, e não meramente um rito, remete para a própria vida da gente chamada a ser vivida, também, como, Cristo como Liturgia da vida, “em Cristo e no Espírito” “culto espiritual” (São Paulo) para a maior glória de Deus. “Páscoa de Cristo na vida da gente e vida da gente na Páscoa de Cristo”¹¹. É a liturgia principal dos cristãos em função da qual existe a outra, a liturgia ritual, que torna sacramentalmente presente a LITURGIA ou seja, o próprio Cristo Senhor ressuscitado na glória.

Alguns desafios para a liturgia no novo contexto

“Nas cidades, a fé não se transmite mais por tradição familiar ou pressão social, a religião é uma escolha que a pessoa pode fazer livremente e se uma Igreja quer comunicar salvação, tem que mostrar sinais dessa experiência – para além da encenação litúrgica, que é o seu ensaio.

Não é de admirar, então, que, no Brasil, em cinquenta anos, os católicos tenham passado de mais de 90% da população, para pouco mais de 70% no ano 2000 (em algumas cidades mais adiantadas já são quase somente a metade do povo – e o problema maior é que não se sabe bem o que fazer com os que restaram!). Crescem muito os pentecostais (15% em 2000), os espíritas e também os “sem-religião” (7,3%). Na Região Metropolitana do Recife, por exemplo, as crenças das pessoas já se definem mais pelo corte protestante pentecostal e/ou pelo sincretismo espiritualista”.¹²

1. Iniciação cristã e liturgia: lugar da experiência de Deus

Estou convicto de que um dos desafios colocado aos liturgistas e demais pastoralistas é o da iniciação cristã e da Eucaristia como celebração iniciática (ou seja, no caso da Eucaristia, como fazer para que a nossa celebração se torne efetivamente lugar de uma experiência “espiritual”, de uma experiência de Deus, de comunicação?).

Todos estão de acordo com a afirmação de que, na nova cultura urbana que vem surgindo, a escolha da religião se tornará cada vez mais escolha pessoal, de acordo com a subjetividade das pessoas. À diferença dos países do Norte, no entanto, existe ainda uma forte cultura religiosa, popular, uma religiosidade de massa, no Nordeste especialmente, também entre estudantes universitários. Isso afeta toda a iniciação cristã e os sacramentos da iniciação: batismo, crisma, primeira eucaristia. Parece-me ser um valor a não desprezar, ao contrário dos anos 60 em que certos grupos procuravam distinguir religião e fé, desprezando a primeira, que não seria resposta evangélica.

Na Mustardinha, desde alguns anos ao menos, cerca de 10% das crianças que procuram a catequese de primeira eucaristia não são batizadas (14 em 2002) e o são após um ano de catequese. A coordenadora me fala de algumas mães evangélicas que vêm inscrever a criança no catecismo de primeira comunhão: “Sou evangélica, mas a minha filha quer ser católica e fazer a primeira comunhão; tenho que respeitar a vontade dela”. Em fevereiro de 2002, chegou, sozinho, um menino dizendo: “Sou evangélico de Afogados (bairro de Recife contíguo à Mustardinha); pedi ao pastor para vir fazer aqui a primeira comunhão, porque lá não tem. Mas aviso: depois da primeira comunhão, vou voltar lá”. O Prof. Gilbraz – no citado artigo – recordava uma vizinha que fizera a promessa a Nossa Senhora da Penha

de virar crente se o marido voltasse para ela. Ele voltou e ela está cumprindo a promessa!. No grupo de Crisma da paróquia (16 meses de preparação), 6 jovens (5%) acima de 15 anos foram batizados na vigília pascal com os ritos próprios da Quaresma. O que me chamou a atenção é que 4 deles já tinham tido passagem por uma Igreja evangélica, antes de chegar à Igreja católica, por motivos diversos. Um deles, cuja família toda é da Assembléia de Deus, veio por causa da namorada fortemente engajada na catequese. Mas temos, também, casos de abandono de crismandos ou mesmo já crismados para outra Igreja, em geral, a Batista renovada, por causa de namorado ou porque gostam do grupo jovem, ou desejam ter normas mais definidas etc. Uma mãe fervorosa católica da nossa comunidade me confidenciou que teria preferido ver o filho mais jovem ser batista a vê-lo católico, pois, assim, se sentiria mais segura, pois sempre tem medo quando o vê freqüentar os pagodes aos domingos à tarde. Um jovem pobre, casado na Igreja, que, durante anos, fazia o papel de Cristo na via sacra, nas sextas-feiras santas, nas ruas do bairro, optou por uma Igreja dessas pentecostais bem fundamentalistas com quem não se pode nem conversar direito o porque Pintor de carro, fumante e dado a bebidas, sob o conselho de amigos que o viam emagrecer, procurou a tal igreja. Lá abandonou os “vícios” e recuperou a saúde. A mulher o acompanhou, porque era o marido que ele amava.

São cada vez mais numerosos os casos de famílias com membros de “religiões” diversas, como dizem. Dizia-me um jovem com curso de Teologia para leigos: “Minha mãe agora é evangélica da assembléia. Ela me disse: ‘Meu filho, nunca me senti bem na igreja (católica) da Mustardinha; e, quando estive doente, muita gente da assembléia ficou muito perto de mim; me sinto bem no meio deles’. Vá mãe; tem um só Deus mesmo!” A notar que o trânsito religioso no Brasil se dá entre Igrejas cristãs; ao

contrário da Europa, onde muitos procuram outra religião de fato, Budismo ou Islamismo.

As pessoas respeitam as escolhas pessoais, mas nem por isso, no bairro, temos clima ecumênico com duas igrejas batistas, uma Assembléia de Deus, uma Adventista, outra denominação pentecostal entre as maiores e mais ainda algumas pequenas igrejas novas abertas em fundo de quintal, tudo isso no espaço de mais ou menos um quilômetro quadrado. A Igreja Universal e Igreja da Graça deixaram o bairro. O filho homem do nosso Coordenador de Pastoral, bom amigo nosso também, regente do coral da “Batista renovada”, a mais freqüentada do bairro, estudando teologia para ser pastor, aceitou vir, com o coral de sua igreja, com aprovação do pastor, cantar na nossa paróquia, no final da missa dominical da noite. Na hora em que as “kombis” já estavam de portas abertas para o coral entrar, um dos diáconos da Batista se insurgiu e proibiu a entrada deles. O pastor teve que ceder. O regente e outro diácono vieram à nossa igreja pedir desculpas à assembléia dizendo que se devia obedecer, mas se sentiam com vergonha. Outros evangélicos colocam, a cada sábado, um caminhão para um culto na rua bem perto do nosso Centro de Apoio Pastoral. Na terça-feira, dia 3 de setembro, outra igreja evangélica projetou na rua um filme sobre Jesus Cristo bem debaixo da janela da capela onde havia uma reunião de oração carismática: o pastor veio desculpar-se antes da projeção, dizendo que não sabia que havia “trabalhos” naquela noite, mas nem por isso mudou a programação que agrupou bastantes jovens que freqüentam à noite o pátio bem acolhedor da nossa igreja. Os evangélicos estão mais presentes nas escolas públicas do bairro, nos hospitais do que nós etc.

Considero o crescimento dos evangélicos, em todos os bairros populares especialmente, como uma **chance** e um **desafio** para a Igreja católica. Uma **CHANCE**, porque, entre outros, é

um estímulo para mudar, para uma evangelização que proponha a fé com novos métodos, novo jeito de fazer, mais animação, entusiasmo e, também, porque obriga a rever o jeito de celebrar batismos, eucaristias, exéquias, grupos de oração. Meu pai era comerciante. Ele diria: “Se você acredita no seu ‘produto’, que é bom, e perde ‘clientes’, tem que melhorar a ‘vitrine” etc. É uma CHANCE, também, porque, diante de tantas ofertas religiosas, podemos anunciar explicitamente o Cristo, deixando de lado a quase-vergonha de falar de religião dos anos 60. Não existe mais a rejeição de antes, até porque não somos mais tanto dogmáticos e seguros e, de qualquer maneira, seremos, em geral, mais discretos e respeitosos, creio eu, da posição de outros. Isso sem cair na feira das religiões ou da religião “à la carte”, conforme um livro conhecido.

O crescimento evangélico é também um grande **DESAFIO**, porque, pessoalmente, ao contrário de outros, acredito na cultura do povo (que move as massas) se quisermos. Ora, está-se criando uma nova cultura religiosa evangélica que nos estimula, mas creio que não seria muito difícil, no futuro, as massas populares se orientarem majoritariamente para o evangelismo.¹³ Isso questiona a nossa maneira de celebrar e, também, levanta toda a questão dos ministérios, que deverá ser levada, a meu ver, mais a sério. Os documentos da CNBB afirmam que 70% das assembléias que se reúnem aos domingos o fazem na ausência de “padres” e sem celebração da Eucaristia a qual a Igreja católica tanto preza.

Como se trata de pequenas assembléias, sobretudo no interior ou em bairros de periferia, e as grandes igrejas ainda estão cheias e as vocações para o presbiterato têm aumentado, a questão não é suficientemente debatida. Um dos documentos do Seminário dos 50 Anos da CNBB falava que a Igreja Católica, em geral, chegava tarde aos novos bairros residenciais populares das periferias das grandes cidades.

O setor de catequese desenvolve agora uma nova ação no sentido de **Catequese para adultos**¹⁴. A respeito, agrada-me uma reflexão lida, encontrada alhures, falando dos percursos diferenciados da iniciação cristã no caso de adultos. Na cidade, no caso de adultos, não podemos pensar a iniciação cristã como um processo linear, seqüencial. As pessoas encontrarão pedaços de iniciação cristã em diversos lugares: na TV, rádio, Internet, em filmes, em visitas a museus, em viagens que suscitarão perguntas e buscas. Na nova sociedade que vai tecendo-se nas cidades com as suas múltiplas ofertas religiosas, quais são os percursos pelos quais alguém poderá chegar à fé cristã católica? Onde ouvirá falar de Jesus Cristo?

No Brasil, existe ainda uma forte religiosidade difusa na cultura e os meios de comunicação abordam o assunto religião de maneira freqüente: revistas, jornais, sem falar das rádios evangélicas ou católicas e os diversos programas religiosos. Não sou dos que rejeitam essas formas. A meu ver, fornecem pistas, referências. Estou surpreso de ver gente que, em conversas particulares, fazem referência a programas religiosos: “Padre Jonas falou outro dia: ‘Escuto o programa de Padre Marcelo ou a Rede Viva’”. Fiquei até surpreso de ver quantas pessoas viram Dom Chemello falar sobre a ALCA. Confesso que não acompanho essas programações. Mas constato que pessoas freqüentadoras da paróquia mudam de comportamento não por causa de ensinamentos recebidos na paróquia, mas por causa do que ouviam nos programas religiosos da TV e do rádio. A pergunta fica: quais serão os caminhos de iniciação cristã no futuro para jovens, crianças e adultos e através dos quais a questão pessoal da fé religiosa vai brotar?

Isso levanta, também, a meu ver, nas comunidades, a necessidade da formação de leigos/leigas em cursos de Teologia para leigos capazes de ajudar as pessoas a distinguir no fluxo

de informações sobre o religioso, de sorte que cada comunidade possa ter como assessores várias pessoas formadas em Teologia, Pastoral Litúrgica etc. Como se dará essa formação? Só em institutos, em cursos a distância “on line”, como já existem?

Na Católica, de maneira geral, em face da cultura de hoje, optamos por uma Pastoral que seja um lugar onde apareça claramente a opção por Jesus Cristo e o seu anúncio, com pessoas competentes, que tenham paixão pela ação pastoral, entusiasmo, que proponham e não imponham. Uma pastoral com novo jeito há de ser acolhedora, simpática, presente, espaço onde as pessoas se sintam bem, que fale ao coração e à mente. Procuramos uma pastoral diversificada, que faça apelo às imagens, ao lúdico, ao celebrativo, ao imaginário, à música, uma pastoral do tipo mais simbólico. Na programação do conteúdo pastoral, entram, também, as parcerias com os diversos departamentos para aprofundamento das questões sociais ligadas, por exemplo, à Campanha da Fraternidade, ao “Não à Alca”, aos megaeventos de cunho societário, como “Rio +10”, de Johannesburg, ao Fórum social de Porto Alegre etc. Mas, procuramos, também, a formação de grupos diversificados a partir da realidade, o interesse e a disponibilidade dos estudantes: voluntariado, grupos de estudo, de crisma etc. No último encontro da PDU, Pastoral da Universidade ligada à ABESC, no início de agosto, eu tive impressão de que as várias instituições de Ensino Superior católicas caminhavam na mesma direção, embora com recursos humanos ou materiais bem diversos.

Liturgia: subjetividade e objetividade na cultura urbana

A subjetividade é uma questão vasta e complexa que vem questionar as práticas das nossas liturgias nas comunidades.

A) **Objetividade e Subjetividade.** Há menos de 40 anos, tínhamos ainda uma liturgia em latim, de costas para o povo. A preocupação maior, em muitos casos, consistia em fazer os ritos

devidos de acordo com as rubricas, para que produzissem os efeitos salvíficos, em suma, cuidava-se da objetividade da liturgia, na qual onde Cristo e sua obra de salvação se tornam sacramentalmente presentes para a salvação do mundo. Confiava-se que, assim agindo, os ritos haveriam de produzir fruto “*ex opere operato*” naqueles que não colocavam obstáculo. No mesmo tempo, pastores mais preocupados com a vida espiritual pessoal das pessoas e o seu crescimento no seguimento de Cristo e no dia-a-dia da vida com sua santificação procuravam meios complementares e paralelos à liturgia, obrigatória, sim, mas julgada de pouco ajuda para crescer em santidade mesmo. Meios como retiros, exercícios de devoção, terço, via-sacra, mediações das associações diversas, devoções ao Santíssimo, adoração etc. tornavam mais presente o lado emotivo e afetivo, a subjetividade.

A Sacrosanctum Concilium (1963), ao mesmo tempo em que reafirmava a objetividade dos mistérios da salvação que se fazem sacramentalmente (objetivamente) presentes nos ritos da celebração, ia modificar o contexto ao afirmar que o **sujeito da ação litúrgica é a assembléia**¹⁵ reunida e que tudo deve ser feito de maneira a visar o fruto do mistério de Cristo nas pessoas, a **eficácia PASTORAL**, o que é diferente da preocupação só pela eficácia *ex opere operato* nos ritos, sem olhar para as condições da assembléia (crianças, jovens, adultos; campo, cidade; minorias, maiorias) e o seu jeito cultural próprio.

Em função da consideração sobre os desejados frutos da liturgia ou da eficácia pastoral, surgiram os principais pontos da reforma litúrgica do Vaticano II: vernáculo, Palavra de Deus mais abundante, canto, música, participação ativa e frutuosa, adaptação da liturgia às culturas (embrião da grande questão da inculturação da liturgia, inclusive a cultura urbana da cidade com seus bairros populares ou mais “urbanizados”).

É significativo o que diz o Missal Romano sobre “ESCOLHA DA MISSA E DE SUAS PARTES”.¹⁶

352 “A **EFICÁCIA PASTORAL** da celebração aumentará certamente, se os textos das leituras, das orações e dos cantos **corresponderem, na medida do possível, às necessidades, à preparação espiritual e à mentalidade dos participantes.** [...]”

Por isso, na organização da Missa, o sacerdote **levará mais em conta o bem espiritual de toda a assembléia do que o seu próprio gosto.** Lembre-se ainda de que a **escolha das diversas partes deve ser feita em comum acordo com os que exercem alguma função especial na celebração, sem excluir absolutamente os fiéis** naquilo que se refere a eles de modo mais direto”.

Levando em conta as características da cultura urbana, enumero algumas conseqüências para as celebrações.

- **Necessidade de liturgia acolhedora (em comunidades acolhedoras)**

Uma **liturgia acolhedora**, atenta às pessoas nas suas diversas necessidades, há de brotar de uma comunidade acolhedora em todas as suas outras realidades. Na liturgia de nossa realidade, desenvolvemos o serviço da **equipe de acolhida** já na calçada da rua, um momento específico de **acolhida dos visitantes** nos ritos iniciais com um canto específico. Acharmos importante prestar atenção aos grupos que celebram algum aniversário específico: 32 anos do grupo jovem; 15 anos do grupo amizade; vicentinos jovens; crianças que são eventualmente chamadas a animar a celebração do dia, a tomar lugar no presbitério

na hora do Pai Nosso etc. Gostei da iniciativa da comunidade de classe média Santo Estevão em Omaha (centro-oeste americano), que oferece aos novos residentes um vídeo da paróquia, com apresentação dos serviços e pastorais na comunidade e o testemunho convincente de pessoas engajadas que enaltecem a pertença à comunidade para o próprio sentido da vida e fazem um convite à nova família residente. Cada família da paróquia é visitada por duas pessoas da pastoral chamada de Emaús ao menos uma vez por ano (Pastoral da Visitação).

- **Liturgia e experiência de Deus – por uma liturgia iniciática**

Na oferta de religioso plural, todos reconhecem um desejo de espiritualidade, o desejo de uma experiência de Deus. A iniciação cristã propõe um caminho, um percurso gradual que permita fazer uma experiência de Deus que leva à conversão. Só se dá uma verdadeira experiência de Deus, quando o coração profundo é tocado. Entram em jogo a afetividade e os sentimentos, sem esquecer a razão. Considero um dos maiores desafios a Liturgia na cidade de hoje conseguir uma iniciação cristã e uma Liturgia que seja iniciática, lugar de e experiência de Deus, da comunicação com Deus, que é o objetivo da liturgia – fazer-nos entrar em comunhão com o mistério de Deus.

A liturgia, de fato, não é um discurso (logia) sobre Deus, não é teologia (nem catequese diretamente), mas liturgia (ação), ação, prática, prática simbólica que permita, através do percurso proposto pelo itinerário ritual, o Encontro da Aliança no diálogo da comunicação com o Deus da vida. Como podem as nossas liturgias favorecer/ facilitar melhor esse encontro com Deus presente? Isso levanta a questão do lugar das emoções e sentimentos na liturgia. Como evitar o risco de apenas emoções superfici-

ais, de um jogo de apenas intimismo longe do encontro com o Deus exigente e libertador da Bíblia? A CNBB nas Diretrizes Gerais, de 1995-1998, e, de novo, nas Diretrizes de 1999-2002, escreve:

“Na experiência que a pessoa faz da comunidade cristã, deve predominar o primado da experiência espiritual, no sentido forte de uma autêntica experiência de Deus, **emocionalmente envolvente**, levando à conversão pessoal, a uma vivência de fé e a uma mística profundas, nas quais a liberdade humana se abre à comunicação de Deus, em Cristo. A experiência espiritual cristã da alteridade encontra no Outro sua origem e fundamento. Cada um de nós é chamado à vida e amado primeiro para entrar em aliança e comunhão com Deus e os irmãos”.¹⁷

Chamou-me a atenção uma citação de Santo Agostinho no Catecismo da Igreja Católica, quando fala da música litúrgica:

“Quanto chorei ouvindo vossos hinos, vossos cânticos, os acentos suaves que ecoavam em vossa Igreja! Que emoção me causavam! Fluíam em meu ouvido, destilando a verdade em meu coração. Um grande elã de piedade me elevava, e as lágrimas corriam-me pela face, mas me faziam bem.”¹⁸

É uma citação quanto mais surpreendente, quando se considera que, logo a seguir, no texto original não citado, Agostinho se pergunta se, apesar desse elã de piedade causado pelos hinos, o silêncio não seria mais conveniente. Alguns anos atrás, no tempo em que se acentuava, sobretudo, a dimensão objetiva, creio que a passagem do silêncio entraria no catecismo para falar da liturgia em lugar das lágrimas provocadas pelo canto e pela música.

Jean Seguy, num artigo já de 1977, sobre racional e emocional na prática litúrgica católica escrevia:

“Quando olhamos a história das liturgias, tem-se a impressão que a sua prática oscila perpetuamente, segundo as épocas do quente ao frio ou vice-versa. A sua racionalidade parece dominar em certas épocas, as suas potencialidades emocionais caracterizam outras”.¹⁹

O autor nota que, na história, existe também uma coexistência de uma prática racional e de uma prática emocional num mesmo conjunto de práticas rituais; assim, de modo geral, as seitas são mais emocionais e as “igrejas” mais racionais, mas, em cada grupo, pode haver ao mesmo tempo um mais ou um menos.

“Temos dois modos de prática litúrgica possíveis, alternativamente ou sincronicamente: um preocupado principalmente com o respeito da regra (da rubrica), o outro que respeita o direito, mas ‘trabalhando artesanalmente’ com sua operacionalização.[...] Em certos momentos ou lugares, as preocupações propriamente racionais da teologia moral, do direito canônico, da rubrica, dominam a cena. O que se quer é pôr atos rituais que asseguram a liceidade e a validade do sacramento [...] Em outros momentos ou lugares, a prática litúrgica reveste uma forma muito diferente: procura-se pelo contrário a emoção, sem renunciar ao fixismo”.²⁰

Creio que todos os liturgistas do Brasil estão de acordo quanto à necessidade na cultura de hoje de liturgias mais “emocionalmente envolventes”, mais “populares”, mas não está claro o que seja o “liturgicamente correto”, especialmente no que toca

às práticas litúrgicas de grupos mais ligados à renovação carismática.

- **Uma liturgia de corpo inteiro (Ariovaldo) – uma liturgia que fale ao coração (Ione Buyst)**

O famoso teólogo dos sacramentos **Louis-Marie Chauvet**²¹ parte da constatação de que muitos cristãos, inclusive praticantes habituais, têm dificuldade em “encontrar na liturgia um verdadeiro alimento espiritual”. Retomando Séguy, citado acima, constata que existe uma espécie de “tensão objetiva ou estrutural entre a lógica ‘racional’, que governa a liturgia, e a lógica mais ‘emocional’ da vida espiritual”. O artigo dele quer manifestar por que (e, em parte, como) a prática litúrgica e sacramental dos cristãos pode alimentar, de maneira viva e concreta, a sua experiência concreta, particularmente, sua vida espiritual.

“A celebração litúrgica tem como meta instaurar ou restaurar uma relação nova a) com Deus e b) com os participantes e c) que ela efetua (opera) não de modo intelectual, mas corporal.”²²

Onde a teologia procura uma **inteligência**, na fé, do mistério de Deus, a liturgia procura a **comunicação viva** com ele. Ela faz isso através de uma operação simbólica, ao efetuar uma transformação dos sujeitos por um trabalho interior de sua relação com Deus e, assim, entre eles.

“A liturgia visa à comunicação do dom gratuito de Deus (a graça) mediante a qual é instaurada ou restaurada uma relação nova de tipo filial com Deus e de tipo fraternal com outrem. A vida cristã não é outra coisa senão a vida humana enquanto convertida ao Deus vivo e

habitada por ele,...Isto é a realização no cotidiano do dom gratuito de Deus manifestado e comunicado nos sacramentos. Sob este aspecto fundamental, os sacramentos são, de verdade, fonte de toda experiência propriamente cristã.”²³

Chauvet aborda, assim, a questão da corporeidade na liturgia. Enquanto a teologia se dirige, antes de tudo, à inteligência (“fides quarens intellectum”), a liturgia se dirige à pessoa inteira como *corporeidade*, isto é, “corpo pessoal, sujeito singular de desejo. Na **história do desejo** de cada um, misturam-se uns “corpos sociais de cultura, **um corpo ancestral de tradição e um corpo cósmico de natureza**”.

“Enquanto cristão, este sujeito, na liturgia, é corpo pessoal em desejo de Deus, de gozo (fruitio) da vida de Deus, de comunhão com Deus. O que é solicitado em primeiro lugar, não é a sua razão especulativa, mas todo o seu ser (coração afetividade, memória, corpo) a começar pelos seus cinco sentidos; enquanto ação ritual, a liturgia não é intelectual (o que não a impede de ser objetivamente inteligente e subjetivamente inteligível). Mas o sujeito não pode entrar em comunicação cristã com Deus senão pela mediação do corpo comunitário da igreja, como corpo social constantemente em obra através do “nós” da liturgia e como corpo tradicional através do tecido de citações que é toda celebração; na mediação igualmente do corpo cósmico do universo, recebido na fé como criação de Deus e representado por alguns elementos, que, tais o pão e o vinho, reúnem simbolicamente” a terra e o trabalho dos homens”.²⁴

A corporeidade é uma questão na ordem do dia na cultura hodierna. Sem cair no modismo, redescobre-se a necessidade

de uma liturgia de “Corpo inteiro”, na expressão do liturgista franciscano de Petrópolis, Frei Ariovaldo.

A Santa Sé já abordou a questão em 92, ao tratar de questões de inculturação:

“Em certos povos, o canto é instintivamente acompanhado do bater de mãos, de movimentos ritmados e de passos de dança dos participantes. Tais formas de expressão corporal podem ter lugar na ação litúrgica desses povos, na condição de serem sempre expressão de uma verdadeira e comum oração de adoração, de louvor, de oferta ou de súplica e não mero espetáculo”.²⁵

O novo Ritual de Batismo de crianças menciona na rubrica 64:

“Convém que, em todas as igrejas paroquiais, haja uma pia batismal fixa ou fonte batismal de onde possa jorrar ou correr água. Pode-se também trazer a água **acompanhada com cantos e danças**.”²⁶

A menção de dança foi explicitamente mencionada e incluída no ritual, para constar num ritual sacramental aprovado por Roma. A CNBB já tinha aprovado a dança litúrgica desde o Documento 43 “animação da via litúrgica”, aprovado pela 27ª Assembléia Geral de 1989 e várias vezes mencionada em documentos posteriores, como as Diretrizes Gerais.

Na prática pastoral da minha paróquia, ficamos bastante conhecidos pela nossa experiência de dança litúrgica, ou seja, a liturgia dançada desde 1986 ou 1987, todos os domingos, exceto na Quaresma. Houve evolução no nosso modo de fazer, procurando, sempre mais, passos inspirados na cultura regional, como o maracatu (de tradição africana, com os passos mais bonitos a

meu ver), o xaxado, a ciranda etc. No Congresso Internacional dos Jesuítas em Liturgia, realizado em junho de 2002, em Roma, apresentei como comunicação um vídeo de 15 minutos intitulado na versão brasileira “Uma experiência de dança litúrgica na paróquia do bairro de Mustardinha, Recife, Brasil, no segundo domingo de Páscoa”.²⁷ No recente seminário sobre Cultura, organizado pela CNBB, soube por um participante que foi levantada a questão, com prós e contras ao que parece, sobre a introdução da dança e de elementos afros na liturgia, questão de inculturação bastante importante sobre a qual muito se poderia dizer.

Na questão da corporeidade na liturgia e dos sentidos, Ione Buyst tem escrito bastante bem sobre a questão de uma liturgia que fale ao coração.²⁸ Para falar ao coração, é preciso cuidar dos ritos e sinais simbólicos da liturgia que remetem a um além de si. Os símbolos remetem a uma outra realidade, ao mistério celebrado. Aliás, a liturgia sempre cuidou dos sentidos, como porta de entrada para o que se celebra: ver / ouvir/ cheirar. Hoje, descobrimos novas maneiras de fazer na organização do espaço litúrgico, na iluminação, nas vestes mais inculturadas para os diversos ministérios, na atenção à ambientação da celebração etc.

Quanto à dimensão iniciática da liturgia para permitir o encontro com Deus, faz-se necessário prestar atenção ao papel de mistagogo de quem preside. Dom Fernando Panico abordava a questão no 13º Curso para os novos bispos, na sede da CNBB, nos dias 19 a 23 de agosto p.p, com a colocação “40 ANOS DA SACROSANCTUM CONCILIUM MISTAGOGIA LITÚRGICA”. Cito, aqui, alguns parágrafos que vão no mesmo sentido de uma necessidade, hoje, de falar ao coração dos fiéis para converter o coração a Jesus Cristo

“Pouco serve uma ‘inteligência da fé’ (teologia) e uma ‘celebração da fé’ (liturgia) se falta a pedagogia adequada para comunicar e ex-

perimentar aquilo que se crê e aquilo que se celebra. E isto é mistagogia.

Há muito tempo o Ocidente forjou uma cristandade à base da lógica e de definições. O mundo se fartou com um cristianismo dogmático, que teve seus méritos, mas também seus limites. Isso resultou numa teologia argumentativa, fixada em manuais e divorciada da mística. Hoje avaliamos esta 'teologia de escola' como uma reflexão de muito saber, mas pouco sabor. Esclarece a doutrina, mas não encanta o coração.

Hoje procuramos unir saber e sabor. Queremos conectar novamente teologia e mística, para educar discípulos de coração novo, capazes de atravessar desertos e armar tendas no exílio. Pois a injustiça continua vigente, interpelando novas respostas da caridade evangélica. Dai a perspectiva bíblica de assimilar tradição profética junto com a tradição sapiencial, em nova síntese.

A palavra "sapiencial" vem do latim 'sapere', que significa saborear. Tem sabedoria quem conhece os sabores da vida e por isso aprendeu de modo eficaz.

Sábio é o profeta que aprendeu no deserto e no exílio. Assim, entre denúncias e anúncios, ele sabe também contemplar, saboreando as possibilidades ocultas no cotidiano, renovando o coração com novas esperanças. O sábio representa a espiritualidade madura, que não resseca porque cultiva raízes. Há uma revolução anunciada na festa, na beleza e nos símbolos, que um militante cansado não enxerga. Mas o profeta que for sábio a verá. E, mesmo no deserto, ele poderá cantar, sorrir e motivar o povo com projetos criativos e vinhosos. Com sabedoria, o profeta saberá cultivar a grande libertação nas pequenas libertações cotidianas, passando da crítica global à ação localizada que transforma pouco a pouco.²⁹

Dom Panico, bispo do Crato do meu “Padim” (Pe. Cícero), fazia uma alusão à religiosidade popular que acho pessoalmente muito importante e não suficientemente levada em conta pelos teólogos e pastoralistas da liturgia.

“O que atualmente se faz em termos de espiritualidade deve ser continuado com avaliação e melhoramento. Aqui entra o potencial evangelizador da religiosidade popular e os carismas de que a comunidade dispõe para animar sua vida de fé”. (grifo meu)

A meu ver, o desafio que enfrentamos é como superar a ruptura que se deu entre celebração da liturgia (ação do povo sujeito) e a religiosidade do povo, a religiosidade popular. Creio que devemos descobrir uma maneira de celebrar que fale ao coração dessa religiosidade popular. Comblin e outros já escreveram que, debaixo do sucesso da Renovação Carismática Católica, está a questão do “pietismo católico”, do sentimento de piedade popular que não se viu suficientemente atendido. É importante descobrir, mesmo na cidade, o que está por baixo de tantos fenômenos religiosos que existem em toda a América Latina, inclusive nas imensas cidades pós-modernas.

- Iniciação à oração

Estou surpreso, cada vez que me encontro com noivos da paróquia, de ver que, embora muitas vezes não pratiquem respondem que rezam. E rezam, muitas vezes, de maneira pessoal, num diálogo com Deus, que me impressiona. A liturgia das celebrações dos sacramentos não pode ser separada da dos sacramentais e da iniciação à oração, seja em grupo, seja individual. Por causa da definição canônica restrita de liturgia, não abordamos, em geral, no ensino da liturgia, as outras formas de piedade

popular e de oração do povo como sacramentais, bênção, novenas, ofícios e mesmo a oração pessoal e suas diversas formas na história da espiritualidade. Sinto que o nosso povo tem desejo de oração e de oração do coração.

Na paróquia, na avaliação da preparação para o sacramento da Confirmação (catecumenato de 16 meses), os jovens crismandos sempre mencionam como aquilo que mais os ajudou a meia hora de oração com a qual se inicia cada encontro de duas horas da Crisma. Nessa meia hora, realizada na capela (distinta da igreja matriz) ou no salão paroquial, em ambiente preparado com esmero – presença do círio pascal e ambientação adequada bem ao gosto nordestino –, os jovens são iniciados aos diferentes tipos de oração na tradição religiosa católica, desde os diversos modos de rezar da espiritualidade inaciana dos Exercícios Espirituais – EE –, o Ofício das Comunidades – ODC –, a Oração de Jesus, o terço e, inclusive, o chamado Terço Bizantino.

O ofício das Comunidades – ODC –, obra de pastoralistas do Brasil, aliás, oferece um instrumento interessante de iniciação à liturgia da oração. Na universidade, realizamos o Ofício às 6h30 min e 12 h, das sextas-feiras; inspiramo-nos no modelo do Ofício para os Momentos Orationais solicitados pela Reitoria para os três dias da Semana Docente, para os professores da universidade etc. Na paróquia, o Ofício das Comunidades é rezado cotidianamente, às 6h30min, na capela; o canto de abertura do Ofício serve de inspiração para um rito que antecede, certas vezes, o canto de entrada na celebração da Eucaristia dos domingos à noite. Ultimamente, a equipe de liturgia da paróquia passou a rezar o ODC para iniciar a preparação da liturgia dominical às quartas-feiras.

Não sei se caberia, em contexto de cultura urbana, uma palavra sobre as novenas de Natal, encontros populares da Campanha da Fraternidade etc. Não conheço essa literatura e, pessoalmente, tenho certa dificuldade com a necessidade de papéis e de diálogo contínuo entre dirigente e o grupo; no entanto vejo que são usados nos bairros populares das grandes cidades e ajudam muita gente.

Uma comunidade “terapêutica” com liturgia “terapêutica”

A expressão surpreende, talvez. Foi empregada na última reunião da ASLI –, Associação dos Liturgistas do Brasil –, em Belo Horizonte, em janeiro de 2002, quando tratamos, com a ajuda de psicólogos, da pessoa do liturgista e dos nossos sonhos de liturgia.

Para mim, ela recordava também um “site”, encontrado por acaso, de uma Igreja Pentecostal de Longueuil, cidade vizinha de Montréal, l’Eglise de la Nouvelle Vie,³⁰ a Igreja da Nova Vida. Cito algumas linhas, em tradução minha, da filosofia da Igreja (como dizem) ou do objetivo geral, como diríamos nos nossos planos de pastoral:

“Somos apaixonadamente consagrados

- Ao estabelecimento de uma Igreja de impacto no Québec e na Francofonia mundial;
- A um engajamento radical para com as pessoas desfavorecidas e que sofrem de pobreza (fome, injustiça social, mulheres sós, crianças maltratadas, etc.);
- Ao conceito de Igreja como sendo «Hospital espiritual» ou uma comunidade terapêutica trabalhando e formando homens e mulheres para a intervenção

peçoal junto de indivíduos a fim de lhes procurar a cura e a restauração completa de sua vida (familiar, emotiva, psicológica e espiritual).”

O que chama atenção no texto é que fala do coração ao coração, é a fé apaixonada que leva a um engajamento radical em prol da restauração das pessoas. Em termos bíblicos, falaríamos de reconciliação, de salvação.

O que, pessoalmente, entendo dizer por liturgia terapêutica de uma comunidade terapêutica não faz referência às orações de cura e outros ritos semelhantes de certas igrejas pentecostais com programas na TV ou mesmo da RCC (Renovação Carismática Católica), embora o Padre Domingos Ormonde, excelente liturgista, tenha desenvolvido uma prática muito interessante de “*Palavra de consolação e de bênção*” para doentes e pessoas sofrendo crises “cada 1º domingo do mês, na Catedral de Santo Antônio, com ajuda de ministros leigos”.

Refiro-me, aqui, à realidade criada pelas grandes cidades de hoje: violência urbana, que gera medo, estresse, solidão; angústia pelos problemas de moradia, desemprego; falta de dinheiro para os remédios; discriminação e desrespeito; transportes urbanos; falta de futuro para os jovens; crises familiares; desamparo diante das novas questões, da evolução da cidade etc. A comunidade, a assembléia litúrgica é chamada a ser um lugar terapêutico (de restauração) pelo amor de caridade, a prática do perdão, da amizade, da confiança, da solidariedade, da acolhida das pessoas como são, sem rejeitar ninguém. Refiro-me a um jeito de liturgia acolhedora que fortaleça a vida, as forças para a luta, a ajuda mútua. Não é que devamos falar de tudo isso na celebração, mas o clima da celebração deve acolher a vida e reforçar tudo o que é bom nas pessoas, na comunidade, para ajudar a lutar melhor pelas melhorias na comunidade, pelo ambiente na família etc.

No nível mais profundo, a introdução da dança litúrgica na paróquia da Mustardinha teve, também, a ver com isso. Como a grande maioria é afro-descendente, quisemos resgatar a cultura negra, dizer que ela tem valor, que a festa, a música e o ritmo têm valor. A discriminação foi historicamente introjetada. Fiquei muito surpreso, num encontro promovido pela CNBB de agentes de pastoral negros com liturgistas, de ouvir um padre negro dizer-me: todos nós tivemos que passar por um processo de libertação para aceitar a nossa negritude. Valorizar a cultura negra e a liturgia dançada foi e continua sendo um espaço de reconciliação com um passado sofrido, um espaço que permita a autoestima, enfim, um lugar terapêutico. Os ritmos de maracatu e mesmo, às vezes, de afoxé partem de mais profundo do que pode aparecer à primeira vista. Permitem dar identidade e respeito pessoal. Da mesma maneira, aceitar guitarras elétricas na liturgia (o que não desejava no início) é aceitar uma cultura jovem e permitir ao jovem da cidade moderna encontrar a sua identidade, ao mesmo tempo em que se procura orientar, é claro. Valeria apenas incluir aqui umas reflexões do famoso dominicano Dom Timothy Radcliff sobre a sacramentalidade da Palavra.³¹ O autor nos dizia que é preciso imitar Cristo. Na última ceia, Jesus encontrava-se cercado de discípulos desamparados, incertos quanto ao futuro, cheios de perguntas. Num primeiro momento, Jesus acolheu os discípulos como eram, para a seguir criar comunhão com e entre eles e, num terceiro momento, mudá-los, o que aconteceria depois da ressurreição.

A busca de identidade (e de sentido): novos grupos, megaeventos, homo ludens

Na nossa universidade, o professor de Teologia e pastoralista Artur, nascido no interior e fortemente marcado pela espiritualidade dos “beatos” caminheiros do Nordeste, teve a idéia

de fundar um grupo chamado Estudantes do Interior, que já tem 3 anos, com reuniões semanais e diversas atividades de reflexão e de voluntariado. Ele percebeu que os estudantes do interior que vinham estudar na capital se sentiam um pouco perdidos etc. De certo modo, creio que todo cristão na nova cidade, mais dessacralizada, dura, com tantas ofertas e escolhas, ameaçadora, se sente um pouco perdido e precisa de comunidade, movimento ou grupo onde possa reforçar a sua identidade. Na recém-jornada mundial da juventude, realizada em fins de julho, em Toronto, com jovens de 170 países, o que os jovens diziam mais freqüentemente era: “Aqui vejo que não estou sozinho como cristão, que tem gente que adere a Jesus Cristo no mundo inteiro e isso reforça a minha fé” Essa reunião de massa, profundamente lúdica, celebrativa, é um evento simbólico que reforça a identidade.

Tenho impressão de que o surgimento dos novos movimentos eclesiais oferece essa segurança de caminhos traçados, de identidade, de oferta de espiritualidade que outras pastorais não conseguem dar.

Cada vez mais, na cultura de hoje, assistimos a todo tipo de megaevento de música de fórum. Também nas Igrejas surgiram os intereclesiais, os encontros de Jornada da Confiança de Taizé, as jornadas mundiais da juventude, os encontros de todo tipo. Todas estas manifestações caracterizam-se por uma forte dimensão simbólica, lúdica, festiva, celebrativa, inclusive os “Gritos dos excluídos” e os plebiscitos da CNBB. Todos colaboram para reforçar a identidade necessária no anonimato da grande cidade esmagadora.

Novos desafios surgem para a liturgia com as megacelebrações dos congressos eucarísticos, das jornadas da juventude, dos intereclesiais, das celebrações de massa de Padre Marcelo e outros aos quais se acrescenta à difusão nas ondas da TV de celebrações eucarísticas, que podem até parecer

modelos para muitos. As próprias dioceses promovem as suas celebrações de massas. Nesses megaeventos, a liturgia dá a ver, manifesta o seu aspecto de espetáculo. É inevitável, mas novas questões surgem para uma liturgia que quer ser serviço, e não manipuladora. A própria missa na TV é divisor de água. Como se situar na busca da verdade? Nem sempre temos clareza.

Novos espaços para um novo jeito de celebrar

As maiores partes das nossas igrejas não foram construídas no espírito da reforma conciliar nem das necessidades da cultura urbana. Precisamos refletir melhor sobre a organização do espaço litúrgico para evitar a impressão de platéia e palco. Não queremos reforçar um clericalismo já muito presente. Em diversos lugares, favorecem-se os espaços litúrgicos “sem presbitérios”, como em plantas antifonais, como na nova capela da CNBB em Brasília ou outros lugares. Plantas baixas chamadas antifonais, em U, circulares ou leques, são mais propícias à participação ativa da assembléia litúrgica, sujeito da ação litúrgica onde se situam os diversos ministérios.

A realidade dos sinais, a busca da verdade ritual, a necessidade de reforçar a dimensão simbólica da liturgia levam a facilitar a comunhão sob as duas espécies, comendo do pão e bebendo do cálice em muitos lugares, mais ainda no exterior do que no Brasil. Desejam-se fontes batismais que jorrem as águas da vida e possam até permitir o batismo por imersão – de crianças, jovens e adultos – cujo número aumentará certamente na cidade. Aliás, a diminuição do número de filhos por família já acarreta uma diminuição sentida dos batismos de crianças nas nossas paróquias. De 550 há uns 10 anos, passamos a não mais que 350 no ano passado, na Mustardinha. Esse simples fator demográfico da diminuição de filhos acarretará, em poucos anos, toda uma mudança numa paróquia como a minha, que se apóia

sobre uma presença grande de jovens, com o seu entusiasmo, sua disponibilidade para as suas atividades. Outra questão na Mustardinha: pelo menos 85 a 90% dos pais que solicitam o batismo para os seus filhos não são casados no civil e perto de 95%, hoje em dia, não são casados no religioso. Na paróquia, já temos mais casais celebrando o seu casamento após vários anos de convivência numa celebração comunitária anual do que casais que casam na igreja em celebrações próprias.

Conclusão

Consideramos neste testemunho alguns aspectos da influência da cultura urbana sobre a liturgia. Se quiséssemos considerar todo o conteúdo do que se refere à Pastoral Litúrgica, como cada um dos sete sacramentos, os sacramentais, o ano litúrgico, a liturgia das horas, as questões da arquitetura, arte e música sacra e acrescentarmos, numa visão mais ampla, o que se refere à espiritualidade em geral, aos chamados “exercícios de piedade”, veríamos que não há um ponto que não seja afetado pela cultura urbana. É dizer que o desafio das novas questões estará a exigir reflexão e criatividade. Mas, afinal, trata-se de anunciar a Boa Nova numa nova evangelização. Não deixa de ser extremamente estimulador!

Notas

- ¹ Comunicação realizada no dia 10 de setembro de 2002, em Belo Horizonte, no Seminário Nacional de Pastoral Urbana promovido pelo Instituto Nacional de Pastoral (INP), da CNBB.
- ² Pe. Jacques S.J., jesuíta canadense radicado no Brasil desde 1960; Doutor em Teologia Litúrgica (Santo Anselmo – Roma); foi 25 anos professor de Teologia em diversos institutos de Recife: ITER, Instituto Franciscano de Olinda, Escola

Teológica do Mosteiro de São Bento, Departamento de Teologia da Unicap do qual foi chefe durante 22 anos; atualmente é responsável pela Divisão de Ação Pastoral (DAP) na Unicap, com equipe de 22 pessoas e, ao mesmo tempo, desde 1975 é administrador paroquial da paróquia Nossa Senhora do Rosário de Pompéia – Mustardinha, Recife.

- 3 “Entre mort et renaissance” – Entrevue avec Gregory Baum. RELATIONS, Montréal, v. 276, p. 12-15, mai., 2002.
- 4 GÉLINEAU, J. O amanhã da Liturgia. Ensaio sobre a evolução das assembléias cristãs. São Paulo: Paulinas, 1977.
- 5 ARAGÃO, Gilbraz. A Igreja na cidade pós-moderna, colocação no 3º Encontro do Setor da Pastoral das Universidades Católicas, chamado PDU ligado à ABESC, em agosto de 2002, em Recife. A ser publicado nos anais do encontro.
- 6 ALVES, R. Creio na ressurreição do corpo. Rio de Janeiro: CEDI, 1984. p. 71.
- 7 Relatório ainda não definitivo enviado via Internet pelo Pe. Marcelino Sivinski, assessor do setor de Liturgia da CNBB.
- 8 TRUDEL, Jacques S.J. – Pastoral litúrgica, capítulo a ser publicado no Manual de Liturgia do CELAM.
- 9 LIBÂNIO, J. B.; MURAD, A. Introdução à Teologia. Perfil, enfoques, tarefas. São Paulo: Loyola, 1996. p. 208.
- 10 TRUDEL, Jacques S.J. – Pastoral litúrgica, capítulo a ser publicado no Manual de Liturgia do CELAM.
- 11 CNBB. Documento 43. Animação da vida litúrgica no Brasil. Série azul. São Paulo: Paulinas, 1989, nº 300.
- 12 Gilbraz Aragão, artigo citado.
- 13 Conferir, a respeito, as páginas fortes em: COMBLIN, J. Cristãos rumo ao séc. XXI. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 43, 45; 325-327.
- 14 Estudos da CNBB 80. Série Verde. Com adultos, catequese adulta. São Paulo: Paulus, 2002.

- ¹⁵ Escreve Gilbraz: “A pastoral tridentina baseava-se no clero e nas suas paróquias, não via a pessoa como sujeito e sim como “freguês” das suas “freguesias”, procurando apresentar objetivamente a reta doutrina, a exata liturgia e a justa disciplina” (artigo manuscrito citado)
- ¹⁶ IGMR-Instrução Geral do Missal Romano, n. 323; é retomado no projeto da edição 2000, sob o nº 352. (Os grifos são nossos).
- ¹⁷ CNBB, Doc. 61 Diretrizes Gerais da Ação evangelizadora no Brasil 1999-2002, n.276. São Paulo: Paulinas, 1999. Retomado do Doc. 54, Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 1995-1998, nº 271. São Paulo: Paulinas, 1995. Grifos meus.
- ¹⁸ Catecismo da Igreja Católica nº115.
- ¹⁹ SEGUY, Jean. Rationnel et Émotionnel dans la pratique liturgique catholique. Un modèle Théorique. In: La Maison-Dieu, LMD 129 Cerf Paris, 1977. p. 73.
- ²⁰ Ibidem. p. 76.
- ²¹ CHAUVET, Louis-Marie. Pratique sacramentelle et expérience chrétienne. In: Christus, Paris, 1996. pp. 275-287.
- ²² Ibidem, p. 276.
- ²³ Ibidem. p. 277.
- ²⁴ Ibidem. p. 278.
- ²⁵ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. A Liturgia Romana e a Inculturação. IV Instrução para uma correta aplicação da Constituição conciliar sobre a Liturgia, Paulinas, 1994, n. 42.
- ²⁶ Ritual do Batismo de crianças, Ave Maria São Paulo, Capítulo I Rito para o Batismo de várias crianças, rubrica n. 64.
- ²⁷ Tratei da questão da dança litúrgica em SIVINSKI, MARCELINO; ARIIVALDO, JOSÉ (Orgs.). Liturgia um direito do povo. Petrópolis: Vozes. p. 216-228. Liturgia direito do povo, Vozes 2001, em homenagem ao Padre Gregório Lutz;

no Manual de Liturgia do CELAM, TOMO II, La celebración Del Mistério Pascual, Cap.8, Expresión de la Corporeidad, artigo 8,.4 Danza litúrgica, na edição da Conferencia Del episcopado Mexicano, 2000, p. 450- 458 e na ficha pastoral 4 em preparação ao Congresso de Liturgia do Regional Nordeste 2, realizado em Recife, em 2001.

- ²⁸ BUYST, Ione. Liturgia de coração. Coleção equipe de liturgia 6. Petrópolis: Vozes, 1999
- ²⁹ Dom Fernando Panico, “40 ANOS DA SACROSANCTUM CONCILIUM MISTAGOGIA LITÚRGICA” Apointamentos manuscritos de palestra proferida no 13º Curso para os novos bispos, na sede da CNBB, no dia 20 de agosto de 2002. Dom Panico remete a um artigo de Pe. Marcial Maçaneiro, dehoniano, publicado na REB em setembro 2000, que trata da mistagogia.
- ³⁰ Site ainda consultado em 25 de agosto de 2002 - <http://www.nouvellevie.com/philo.html>
- ³¹ No Congresso dos Jesuítas em litúrgica de junho 2002, em Roma. Os textos do congresso serão publicados. O autor tem umas reflexões parecidas em: RADCLIFFE, Timothy. Que votre joie soit parfaite. Paris – Montreal: Cerf Fides, 2002.

Referências

- CERIS. **Desafios do catolicismo na cidade**. Pesquisa em regiões metropolitanas brasileiras, São Paulo: Paulus, 2002.
- Dossier Quel horizon pour l’Église. In: RELATIONS, Montréal 676 (MAI 2002) 10-22
- AA. Dilemas e desafios da pastoral urbana. **Magis Cadernos de Fé e Cultura**. especial, n. 1, ago. 2002.
- CNBB, Diretrizes gerais da ação evangelizadora no Brasil 1999-2002. São Paulo: Paulinas, 1999.